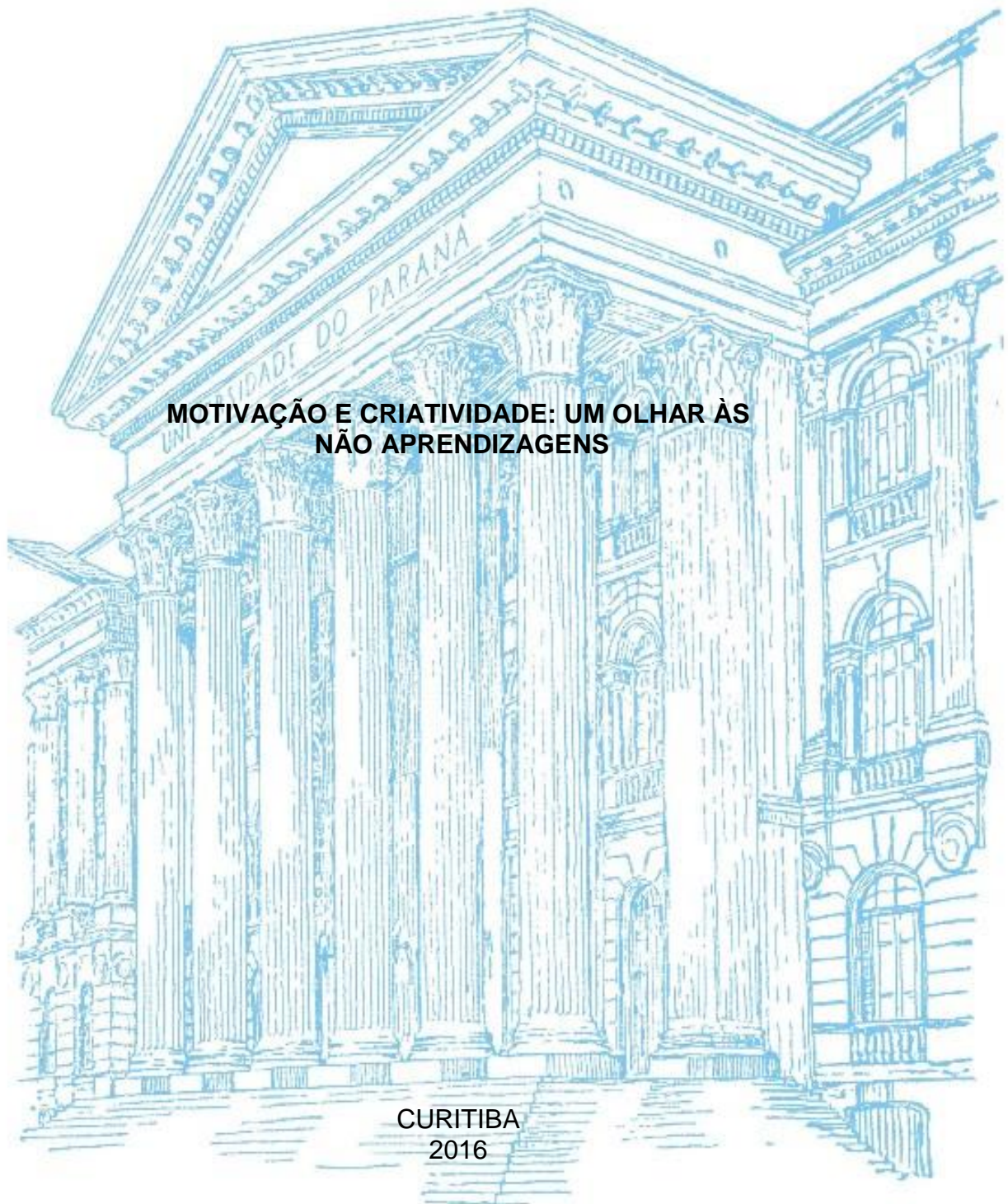


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

ARLETE TERESINHA STEFANOSKI

**MOTIVAÇÃO E CRIATIVIDADE: UM OLHAR ÀS
NÃO APRENDIZAGENS**



CURITIBA
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

ARLETE TERESINHA STEFANOSKI



**MOTIVAÇÃO E CRIATIVIDADE: UM OLHAR ÀS
NÃO APRENDIZAGENS**

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de especialista no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientador (a): Prof.^a Mestra Adriane Carneiro Ferreira

CURITIBA
2016

MOTIVAÇÃO E CRIATIVIDADE: UM OLHAR ÀS NÃO APRENDIZAGENS

ARLETE TERESINHA
STEFANOSKI

RESUMO

Este trabalho buscou a partir de referencial teórico e análise empírica tratar sobre os motivos em que levaram alguns alunos a não conseguirem aprender no mesmo ritmo que os outros. Descata-se a importância de respeitar os percursos diferenciados, de utilizar estratégias para transformar as aulas mais criativas e inovadoras, entendendo, adaptando o processo de desenvolvimento de cada educando. O estudo inicial se fundamenta na queixa dos professores de Escolas Municipais de Laranjeiras do Sul, Paraná, em que alguns alunos, não conseguem aprender em ritmo “normal” de sala de aula, embora apresentem interesse e esforço. Sendo que alunos que relatam que não conseguem aprender devido às aulas não são inovadoras e não despertam o seu interesse em relação aos conteúdos. Este artigo propõe reflexões a respeito de como despertar o sentido de estudar e estabelece como meios necessários para que isso aconteça: a criatividade, o desenvolvimento do potencial criativo, a importância do ambiente favorecedor da aprendizagem e motivador. Sugere a Metodologia de Projetos como uma proposta capaz de despertar o interesse do educando.

Palavras-chave: Aprendizagem, Criatividade, Metodologia de Projetos, Motivação.

1 INTRODUÇÃO

O mundo contemporâneo e a globalização originaram a concepção da “Educação Permanente” devido aos grandes avanços tecnológicos e a rapidez no acúmulo de informações geradas diariamente, provocando uma necessidade de adaptação contínua às informações e transformações e uma melhoria constante. A citação realizada com base na obra de Castells (2002, p.43) nos lembra de que:

Vivemos numa sociedade em rede, num lugar onde se entrelaçam todos os tipos de relações, num mundo interconectado por um conjunto de nós, estruturados de forma a modo de permitir a expansão ilimitada e contínua integração de novos nós, desde que esses sejam compatíveis com a rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação como, por exemplo, ter os mesmos valores ou objetivos de desempenho. São um mundo marcado por mudanças aceleradas, transformações e reorganizações, desafios constantes à capacidade humana, que demandam novos conceitos em relação ao modo de ensinar e aprender na escola, a instigar-lhes, a desenvolver o gosto de descobrir e estudar para toda a vida, isto requer pessoas criativas, capazes de lidar com esse novo momento histórico.

Ao analisar, nos perguntamos como isto vem ocorrendo nas escolas? Estamos proporcionando os mecanismos para que realmente ocorra a aprendizagem. O aluno está sendo preparado para a educação permanente?

Este trabalho buscou a partir de referencial teórico e análise empírica tratar sobre os motivos em que levam alguns alunos a não conseguirem aprender no mesmo ritmo que os outros, o tempo na escola é o mesmo para todos, e alguns alunos concluem seu plano de estudos rapidamente, enquanto outros demoram mais, ou jamais chegam ao fim sozinhos. Além disso, alguns parecem simplesmente não aprender, é esta, a principal angústia vivida no primeiro ciclo da alfabetização. Por isso destaca-se a importância de percursos diferenciados, de estratégias para transformar as aulas mais criativas e inovadoras, entendendo, adaptando e respeitando os ritmos de desenvolvimento de cada educando, principalmente no que se refere a elencar diferentes recursos a cada momento demandado pelos educandos.

A motivação seria um fator importantíssimo para que o aluno consiga aprender, Dalacorte (2000) fala que motivação é entendida como um estado

emocional e cognitivo e quando se torna consciente faz os indivíduos exercerem um esforço físico ou intelectual para alcançar os objetivos previamente estabelecidos. Ela se faz presente através do modo de interação do educando com o contexto escolar e no papel do professor na preparação e mediação das aulas, na inclusão de projetos que vinculam o conhecimento: visual, auditivo e sinestésico; sempre levando em conta o foco da educação pertinente. Sendo que, ao mesmo tempo a própria conduta profissional na hora de incentivar e realizar abordagens individualizadas fomenta a motivação e estimula o processo de gestão do conhecimento. Segundo Freire (2000) ensinar é muito mais do que “transferir conhecimento”.

O estudo inicial se fundamenta na queixa dos professores da Escola Municipal José Bonifácio de Laranjeiras do Sul, em que alguns alunos, não conseguem aprender em ritmo normal de sala de aula, embora apresentem interesse e esforço não conseguem acompanhar, havendo uma defasagem de conteúdos, ano a ano. Por outro lado os alunos se queixam que não conseguem aprender devido às aulas não são inovadoras e assim não despertam o seu interesse em relação aos conteúdos.

Nesta escola, bem como em outras duas pesquisadas, um dos maiores problemas enfrentados é a existência de alunos concluindo o ensino fundamental I, fora de idade e série, conforme dados do Projeto Político Pedagógico das três instituições, denominadas neste trabalho de escola E0, E1, e E2. Estes dados demonstram que em média de 38,2% dos alunos conclui o ensino fundamental I, fora da idade e série.

Neste sentido, o foco desta pesquisa encontra-se em refletir sobre qual é o papel da escola, professores, coordenação pedagógica no sentido de superar ou minimizar o problema das não aprendizagens, utilizando-se de mecanismos institucionais como o planejamento docente e articulação das ações dos diferentes sujeitos que compõem o universo escolar, na busca de melhoria da qualidade da educação ofertada.

2 METODOLOGIA

Visando entender a problemática, objeto desta pesquisa, nas três escolas, foi realizada análise de entrevistas semiestruturadas, onde participaram sete professores denominados no decorrer do texto P₀₁, P₀₂, P₀₃, P₀₄, P₀₅, quando à escola E₀; P₁, referente à escola E₁; e P₂, entrevistado da escola E₂; que aceitaram participar deste trabalho, objetivando expandir o olhar e minimizar as questões relativas à cultura escolar que poderiam afetar nos resultados obtidos.

Entendendo que os alunos são participantes ativos no processo e na expectativa de que todos os aspectos sejam observados, não ficando a leitura de dados apenas pelo viés docente, participam onze alunos também da rede municipal, das escolas E₀, E₁ e E₂. Alunos estes que se enquadram nos dados de dificuldade de aprendizagem e que foram selecionados/indicados pelas equipes pedagógicas das instituições. Que foram denominados de A.₀₁, A.₀₂... A.₀₉; A.₁; e A.₂ sucessivamente.

Ao mesmo tempo inicia-se um trabalho de investigação bibliográfica. Sendo pertinente destacar os conceitos em que se apoia este trabalho, abrangendo a criatividade, o potencial criativo, a importância do ambiente favorecedor da criatividade, características de uma sociedade criativa e as barreiras à criatividade em sala de aula. Assim como o aspecto motivacional que propiciaria a aprendizagem.

3 CRIATIVIDADES PARA QUE TE QUERO: COMO CONDUZIR A ESCOLA A ESTE CAMINHO.

Segundo STEIN (1974) a criatividade é o processo onde há um resultado de um novo produto sendo aceito como útil e ou satisfatório por determinadas pessoas que façam o seu uso.

A teoria da criatividade, Sternberg e Lubart (1991), considerara um modelo de criatividade, levando em conta apenas as variáveis pessoais que facilitariam ou impediriam a manifestação da criatividade, restringiu-se a alguns atributos internos do indivíduo que contribuem para o funcionamento criativo, enfatizando a inteligência, estilo cognitivo e personalidade/motivação.

Em anos posteriores, Sternberg e Lubart (1991, 1995, 1996,) ampliaram o modelo originalmente formulado, considerando o comportamento criativo como resultado da convergência de seis fatores distintos e inter-relacionados, apontados como recursos necessários para a expressão criativa. E que seriam estes: (a) inteligência, (b) estilos intelectuais, (c) conhecimento, (d) personalidade, (e) motivação e (f) contexto ambiental.

A teoria de Sternberg e Lubart (1991, 1995, 1996) denominada a teoria do investimento, inclui distintos elementos como relevantes para a produção criativa. Como por exemplo, os aspectos presentes no modelo componencial proposto por Amabile (1999), que descreve a criatividade como resultado das motivações, habilidades e traços da personalidade.

Ao descrever os seis fatores que convergem para a produção criativa, ressaltam Sternberg e Lubart (1991) que todos os elementos de cada um desses recursos são relevantes para a criatividade, devendo ainda cada um deles ser visto de forma interativa com os demais e jamais de forma isolada, salientando: "[...] alta inteligência na ausência de motivação, ou conhecimento amplo na ausência de habilidade intelectual para compreender e utilizar tal conhecimento, levará no máximo a níveis moderados de performance criativa" (STERNBERG E LUBART, 1991, p. 4-5). Propõe, entretanto, que um alto nível de recurso motivacional pode contrabalançar um contexto ambiental menos propício, embora lembrem também que nem sempre um alto nível de um dos seis recursos possa compensar outro que se encontra ausente ou quase ausente.

Por outro lado à criatividade é vista como uma atitude de mudança dentro do processo de aquisição de conhecimento, assim descreve a Teoria da Subjetividade de González Rey (2001), subjetividade entendida como condição social onde o próprio aprendiz se envolve atuando e modificando suas intenções e sua forma de pensar e agir posicionando-se no processo de decisão sobre o aprender. O autor sugere a necessidade de criação de espaços próprios que dão vida à imaginação e abrem novos horizontes ao serem contrastados com as experiências pessoais de cada um. Segundo González Rey (2003) a aprendizagem não seria um ato instrumental, mas um processo subjetivo em interação com os demais contextos.

Stein ressalta que desenvolvimento e manifestação da criatividade não dependem somente dos esforços do próprio indivíduo, mas também uma prática social, assim:

- Uma sociedade favorece a criatividade na medida em que dá chances ao indivíduo de ter experiências em inúmeras áreas. Uma sociedade que limita a liberdade da pessoa para estudar, questionar, ou ter experiências diversas, restringirá as suas oportunidades e conseqüentemente diminuirá a probabilidade de contribuições criativas.
- Uma sociedade favorece a criatividade na medida em que encoraja uma abertura a experiências internas e externas. Desta forma, uma sociedade onde predomina "não faça isto", "não tente aquilo", restringe a liberdade de questionar e a autonomia necessária à criatividade.
- Uma sociedade encoraja a criatividade na medida em que valoriza a mudança e a originalidade.
- A criatividade é encorajada em uma sociedade onde os indivíduos criativos são reconhecidos socialmente e encorajada em suas pesquisas e indagações (STEIN, 1974. p. 285).

Não podemos ter medo da criatividade, e superar a concepção da rebeldia e indisciplina na participação. Assim, é necessário que a escola se torne geradora de conhecimentos significativos para os educandos e que seja capaz de superar as relações de poder, que possam estabelecer empecilho no caminho e na construção de um ambiente criativo escolar.

Na vida cotidiana deparamo-nos com muitas situações que exigem diferentes respostas, proporcionar estes alicerces aos educandos é construir bases para que os mesmos tracem os seus próprios caminhos pela vida e pelos estudos, sabendo enfrentar os desafios e obstáculos que possam ocorrer.

Com relação ao potencial criativo, os professores entrevistados, de modo significativo, afirmaram acreditar na existência de potencial criativo das pessoas, enfatizaram, entretanto, ser necessário um esforço para desenvolver este potencial, acreditam que fomentando a curiosidade o professor estará desenvolvendo o gosto pela aprendizagem, pela busca de uma melhoria constante, onde o aluno deixaria de ser um elemento passivo para se tornar o ator principal do seu conhecimento, desenvolvendo suas habilidades e seus talentos, de forma mais ampla.

Alencar (1986, p.1) cita ser necessário suprimir algumas barreiras à manifestação da criatividade:

- Atitudes autoritárias por parte do professor.
- Hostilidade com relação ao aluno que questiona que critica e que discorda.
- Pressão ao conformismo, que se manifesta através de um currículo inflexível, e de uma rotina em sala de aula que não se altera.
- Ênfase exagerada na reprodução do conhecimento em detrimento da produção do conhecimento.
- Ausência de uma preocupação em favorecer o desenvolvimento de um autoconceito positivo e sentimentos de competência escolar.
- Baixas expectativas tanto com relação ao potencial criador do aluno, quanto com respeito às suas habilidades de análise, síntese e avaliação.

Acreditamos que as contribuições teóricas dos autores na medida em que nos fazem refletir sobre a concepção do homem criativo, oferecem uma visão explicativa e dinâmica sobre o que necessita mudar para que consigamos ser mais criativos no ambiente escolar com o objetivo de converter a criatividade em uma ferramenta útil para a compreensão dos processos nas aprendizagens escolares.

Seria possível articular este processo dentro do contexto escolar com atitudes que podem estimular a criatividade dos estudantes e direcioná-la para um rumo produtivo. Estas foram ações citadas pelos professores das escolas E_0 , E_1 e E_2 para que o ambiente se torne criativo:

- Propiciar experiências práticas, através de passeios e visitas relacionadas aos conteúdos;
- Realizar experiências práticas dentro do contexto escolar, envolvendo palestras, visitantes, maquetes e uso de material reciclado realizando experiências e provas práticas com relação aos conteúdos.
- Trabalhar dentro de uma metodologia de projetos envolvendo os alunos na busca de saberes e ao desenvolvimento do conhecimento.
- Proporcionar espaço semanal para o desenvolvimento de atividades de desenho e pintura assim como de produção de texto relacionado aos passeios explorando ao máximo cada foco de aprendizagens.
- Desenvolver atividades para o uso de suas próprias ideias livremente. Uma ótima oportunidade para identificar como os alunos compreendem o mundo ao seu redor é dar a eles um espaço para usar toda a sua criatividade.
- Praticar pintura como forma de expressão, observando a natureza, isso ajuda as crianças a entender melhor o mundo que o rodeia e a entender qual é seu papel.
- Realizar experiências degustativas é ótimo para apresentar novos sabores e desenvolver a criatividade para brincar com texturas e sabores.

- Organizar um espaço para a leitura, pois ler é a melhor maneira de estimular a imaginação.
- Estimular a criação de histórias, pois escrever leva o educando ao imaginário e incentivar isso é incentivar o gosto pela escrita, pela criatividade, pela concentração e pela emoção.
- Proporcionar um ambiente questionador, incentivando os alunos a realizarem perguntas, pois as aulas devem ser um espaço aberto de convivência e ao respeito. Os professores podem incentivar isso, organizando debates e discussões com a turma;
- Propiciar momentos de lazer com a turma estabelecendo um vínculo afetivo e descontraído.
- Propiciar momentos de apresentações tanto dos trabalhos e dos talentos musicais assim como apresentações culturais em eventos da comunidade (PROFESSORES PESQUISADOS).

Promover todas estas ações é propiciar momentos que estimulem a motivação para aprender, assim como estimular reforçando individualmente ou coletivamente as conquistas e suas vitórias dos alunos no processo da geração de conhecimento.

4 MOTIVAÇÕES PARA APRENDER

O Novo Dicionário Didático Brasileiro (2015, p.403) conceitua a palavra Motivação como: “Ato de Motivar, Explosão de motivos”. Ao fazer um exame mais cuidadoso pode-se verificar que o mesmo dicionário traz o seguinte verbete a palavra Motivo: “Que pode fazer mover; motor que causa ou determina alguma coisa”.

De acordo com Moreira (2005, p.51): “Os termos motivação e emoção vêm do latim movere, que quer dizer motor”. É fácil entender o porquê dessas “coincidências”, são as emoções que impulsionam as pessoas em direção as suas metas e que também influenciam a sua maneira de perceber os fatos – em outras palavras, motivação.

As organizações são compostas de pessoas e as pessoas desenvolvem “forças motivacionais” como produto do ambiente cultural em que vivem, estas necessidades são processos pessoais e internos, muitas vezes subjetivos, que impulsionam o comportamento humano. Para França (2006, p.23) “[...] elas surgem em uma situação específica e levam as pessoas a ações direcionadas à satisfação dessas necessidades, no ambiente externo, formando, assim, o Ciclo da Motivação”.

Não podemos falar de motivação sem citar a Teoria das Hierarquias das Necessidades de Maslow (1969) esta se baseia no fato de que as motivações humanas decorrem da busca da satisfação das necessidades específicas, que nesta teoria, são classificadas em cinco níveis, representadas na pirâmide, sendo conhecida como a Pirâmide das Necessidades de Maslow, (1969):

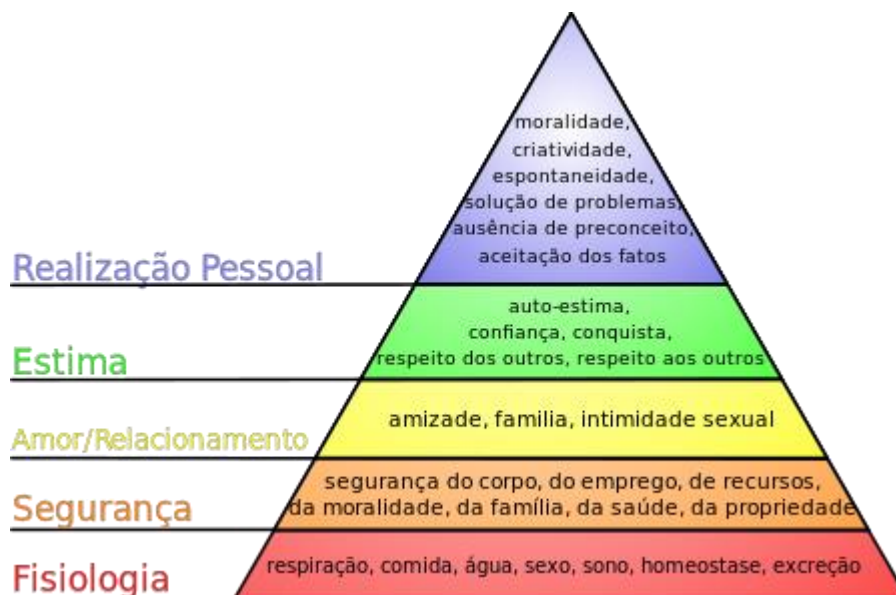


GRAFICO 1 – Modelo da Pirâmide das Necessidades de Maslow

FONTE: <http://administracaointerativa.blogspot.com.br/2012/10/hierarquia-de-necessidades-de-maslow.html>

Outro conceito que influenciou o estudo da motivação foi à diferenciação entre motivação intrínseca e extrínseca. Enquanto a primeira refere-se à motivação gerada por necessidades e motivos da pessoa, a motivação extrínseca refere-se à motivação gerada por processos de empenho e determinação, referenciados em “reforço e punição” (HECKHAUSEN JUTTA & HECKHAUSEN, HEINZ, 2008). Os dois tipos de motivação podem surgir combinados, como, por exemplo, quando a pessoa estuda um tema que a interessa é motivação intrínseca, e com isso alcança um bom resultado é reforço: motivação extrínseca.

Robbins (2009) descreve que a motivação é o resultado da interação do indivíduo com o processo que determina a intensidade, a direção e a

persistência dos esforços de uma pessoa para alcançar sua meta. Os indivíduos motivados permanecem na realização de suas tarefas até atingirem os objetivos propostos, ou seja, a própria ação pode motivar os indivíduos a concluí-la com êxito.

Freire (1996, p.43) afirma que: “[...] pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem é que se pode melhorar a próxima prática”. Mas de acordo com Shor (1996, p. 21), “[...] existem situações conflitantes, desafiantes, que a aplicação de técnicas convencionais, simplesmente não resolve problemas”. Isso significa que devemos utilizar toda nossa experiência, nosso conhecimento e nossa bagagem sociocultural para buscar soluções criativas que o meio requer.

Para que o aluno possa desenvolver melhor seu aprendizado e conhecimento, é necessário que esteja motivado e para isso requer chamar sua atenção, envolvê-lo, desafiá-lo a participar dos projetos implantados pela escola e pela comunidade, é necessário que o mesmo reconheça o seu papel como coautor de seu próprio conhecimento, mas primeiro há a necessidade que o mesmo tenha suprido suas necessidades básicas, pois não adianta falar de motivação para o estudo sem que isto tenha sido planejado intencionalmente pelo docente.

5 CONSIDERAÇÕES: ANALISANDO OS DADOS

As ações citadas pelos professores P01, P02, P03, P04, P05, sugerem a importância de um espaço motivador, o qual proporcionaria aos alunos avanços nas suas aprendizagens:

- Acreditar no potencial em desenvolvimento do aluno e valorizar seus próprios saberes utilizando como foco de aprendizagem.
- O contexto escolar em que as situações de ensino e aprendizagem acontecem de forma natural associada aos projetos desenvolvidos na escola e causam um significado as aprendizagens e um envolvimento maior do educando vinculando-o ao seu processo como autor.
- O contrato didático em que se regem as situações de ensino e aprendizagem.
- Uma boa relação professor-aluno.
- O planejamento prévio do trabalho pedagógico, instigando e desafiando a descoberta.

- As condições de realização das atividades propostas e adaptações necessárias levando em conta as particularidades de cada aluno.
- A intervenção do professor durante as atividades despertando o interesse do aluno.
- Propiciar mecanismos pedagógicos para que cada aluno perceba suas conquistas dentro do seu processo ensino aprendizagem onde disfrute de suas vitórias.
- A postura ética e profissional do professor despertando a admiração.
- A gestão da sala de aula com criatividade e compromisso, fazendo com que os alunos se sintam parte integrante do processo de gestão democrática instigando sua participação e promovendo a igualdade em direitos e deveres.
- Reflexão constante de sua prática e direcionando a realidade dos alunos buscando novos caminhos para estimular os alunos.
- Involucrar a família com a aprendizagem dos alunos e com a proposta pedagógica.
- Propiciar uma aprendizagem pertinente à vida dos educandos e suas necessidades sociais (PROFESSORES PESQUISADOS).

Os alunos A₀₈, A₀₇ queixam-se que seu professor alega que a falta de motivação é culpa deles, que são eles que não se interessam, tais alunos afirmam que eles não são culpados sozinhos. A partir desta ocorrência salientamos que pode haver uma dificuldade por parte do professor em motivar seus alunos, tais alunos também afirmam que suas motivações derivam dos seus gostos, desejos e interesses e que para aprender tem que estar motivado por meio de reforços positivos e estímulos, superando a política de ameaças, punições. Conforme relata a professora P₀₈, “[...] nem sempre o professor consegue adaptar a matriz curricular aos gostos e interesse do educando, pois existem conteúdos que não permitem esta flexibilidade, ou seja, tem coisas é assim porque sim”.

Neste sentido um dos pontos fundamentais para recuperar o interesse do educando seria a importância de cultivar a criatividade em sala de aula e para que isso ocorra o professor P₂, descreve ser necessário: “[...] planejamento das aulas, através de novas atitudes, estratégias, atividades propostas de acordo com o nível dos alunos, oportunidades de escolhas e aceitação dos estudantes”.

Os professores da E0 apontam ainda que algumas atitudes devem ser encorajadas nos alunos, que são: “[...] persistência, autonomia e dinamismo, ser amável e respeitar as ideias, ser questionador, ter consideração com os

colegas, ter iniciativa, curiosidade, reflexão, aceitação e superação dos desafios, iniciativa, espírito inovador e autoconfiança”.

Ao mesmo tempo também explicitam que a sala de aula, escola, embora devesse ser por excelência um ambiente propiciador da criatividade, em muitas ocasiões não se tem cumprido este papel, pois ficam limitados pela burocracia, cronogramas, currículo, prazos e também pela falta de formação e experiência dos profissionais sobre gestão de sala de aula e o trabalho com a criatividade. Sendo que o uso de estratégias diversificadas, nas aulas, para alguns professores, continua sendo uma dificuldade, pois em suas colocações destacam a questão diversidade nos níveis dos alunos que consome um grande tempo em planejamento e adaptações curriculares, levando alguns a refugiar-se ao tradicionalismo, pois o uso de diferentes estratégias e metodologias, em jogos, por exemplo, no coletivo gera o entusiasmo exacerbado o que dificulta a gestão de sala de aula (P₀₁).

Outro ponto destacado são as vivências dos modelos sociais existentes, a questão da ascensão social através do estudo já não se efetiva como antigamente, conforme cita a professora P₀₂: “[...] há 20 anos esta questão era fácil para os professores motivarem seus alunos [...] ao estudar irá conseguir um bom trabalho e tudo seria perfeito [...] isso se falava, mas hoje [...]”.

Hoje, tal como descreve Oliveira (2009), há muitos profissionais, mesmo formados que encontram dificuldades para atender as exigências impostas pela sociedade contemporânea e acabam tendo que trabalhar às vezes em outra função, isso ocorre por falta de capacitação e outras vezes são obrigados a desenvolver funções as quais não pertencem a sua carreira profissional e, além disso, com a sociedade mais complexa e carregada de divergências econômicas e culturais passa o trabalho dos profissionais ser ainda mais denso.

Para os alunos pesquisados, as suas dificuldades derivam de aulas não interessantes e gostariam que os professores repensassem sua prática e incluíssem mecanismos que os envolva ao conhecimento, explorando cada vez mais espaços de aprendizagem.

Relatam que gostam de fazer pesquisa, mas que quando fazem não é explorada em sala de aula, que gostam de realizar oficina de leitura fora da sala de aula, mas que os professores raras vezes permitem, que quando um conteúdo estudado em sala de aula é contextualizado torna-se mais significativo e vice-versa, ao mesmo tempo também relatam a dificuldade em separar as disciplinas. Percebe-se a necessidade de trabalhar propiciando ambientes de indagação, de incentivo a busca do conhecimento e a descoberta, sendo o professor mediador associando sua prática a vários recursos metodológicos.

Assim pensado, acredita-se que um novo modelo metodológico que poderia ser utilizado, seria a Metodologia de Projetos de Trabalho, defendido por Hernandez (1998), onde o autor estabelece que existam muitas formas e maneiras de conduzir a relação ensino aprendizagem, sendo que os conteúdos, quando trabalhados por meio de projetos, causam um significado maior, despertando um entusiasmo no educando, pois o envolve e capacita-o com um conjunto de informações interdisciplinares que integra e relaciona aquele conteúdo com a praticidade de experiências vividas. E nos descreve:

Os projetos de trabalho supõem um enfoque do ensino que trata de ressituar a concepção e as práticas educativas na escola, para dar resposta (não, "A Resposta") às mudanças sociais, que se produzem nos meninos/as e adolescentes e na função da educação, e não simplesmente readaptar uma proposta do passado e atualizá-la. (HERNANDEZ 1998, p.64).

O enfoque integrador que o autor destaca seria a construção de conhecimento proporcionado através da superação da transmissão de saberes fragmentados, selecionados pela figura do professor, pois geraria conhecimentos a partir da interação entre os educandos e os projetos/contéudos, o que contribuiria para uma ressignificação dos espaços de aprendizagem, de tal forma que eles auxiliariam a formação de sujeitos ativos, reflexivos, atuantes e participantes. Neste sentido, Hernandez (1998, p.93) destaca que:

Uma das finalidades dos projetos é promover formas de aprendizagem que questionem a ideia de verdade única, ao colocar os alunos diante de diferentes interpretações dos fenômenos está se questionando plenamente a visão da avaliação baseada na consideração da realidade como algo objetivo e estável.

Diante dessa perspectiva, faz-se necessária a reflexão sobre a proposição de novas formas de ensinar, estamos vivendo a “era de informação” tal como descreve Castells (2003) e precisamos encontrar uma metodologia que extrapole e aumente as possibilidades de melhorar a prática docente adaptando-nos a este momento, onde há muita informação, mas pouco conhecimento.

Alguns docentes, alvo desta investigação, ainda apresentam dificuldade em relação à opção a este tipo de metodologia, principalmente, porque extrapola os limites do conhecimento, criando certo receio por parte do professor, conforme cita a professora P05: “[...] é difícil trabalhar dentro dos projetos porque os alunos se exaltam e trazem muitas coisas desconhecidas, são tantos focos [...]”.

Entre as escolas pesquisadas encontram-se pensamentos diversificados neste sentido, conforme cita a professora P02, da escola E0 “[...] a metodologia de projetos é uma forma de garantir que o grupo confie em suas ações, pois são eles mesmos que buscam os seus conhecimentos e trazem para a sala de aula [...]”. No entanto, continua afirmando “[...] às vezes a interação desencadeia a indisciplina o que acaba interferindo na gestão de sala de aula e comprometendo a ação”. Já na escola E1, conforme cita a professora P1, a metodologia de projetos é uma forma prazerosa de trabalhar todos os conteúdos, sendo que ainda permite passar um conhecimento integrado ao aluno, pois extrapola a interdisciplinaridade e garante um aprendizado significativo ao educando, sendo que o mesmo consegue visualizar diretamente a necessidade daquele aprendizado para sua vida.

Paulo Freire e Ira Shor (1996, p. 8). Citam uma palavra que descreve o que é criatividade “Empowerment, significa dar poder, ativar e dinamizar a potencialidade criativa do aluno”. Eis aí um desafio para muitos de nossos professores.

O professor precisa ser um aprendiz em sala de aula, ativo, facilitador, articulador e motivador, que convida seus alunos a serem curiosos, críticos, reflexivos e criativos, exercitando atividades para o desenvolvimento de habilidades inovadoras e do pensamento crítico, uma vez que no relatam as

teorias de criatividade, que há a necessidade do uso da inteligência, estilos intelectuais, conhecimento, personalidade, motivação e contexto ambiental para que ocorra a criatividade.

Refletindo isso, percebemos a necessidade de que as potencialidades individuais devam estar inseridas no processo de aprendizagem, isto ocorre toda vez que o aluno é desafiado pelo professor. Neste sentido, a aprendizagem se efetiva com a configuração permanente de sentidos e significados que correspondem a processos de subjetivação acionados a partir da emoção do sujeito comprometido neste processo, que possibilita a transformação da ação educativa em um momento efetivo e afetivo gerando a possibilidade de participação do aluno na sua aprendizagem.

Durante este trabalho os professores das escolas E0, E1, se queixaram de que os alunos não sabem pensar, e que tendem, na maioria das vezes, a simplesmente repetir o que leem nos livros, ou o que o professor diz em sala de aula. A grande maioria teria dificuldade em definir problemas e em argumentar com clareza. E conforme cita a professora P₀₈ “[...] ser um reflexo dos valores dominantes no processo de historização da educação onde a tônica da reprodução do conhecimento através da memorização, ainda predomina ante a construção do conhecimento”. Por outro lado a professora P₀₉ afirma que: “[...] a criatividade vem sendo cada vez mais valorizada e necessária para promover o desenvolvimento integral do educando”.

A escola é onde se passa grande parte da vida e, portanto, ideal para o desenvolvimento do potencial criativo, por meio de professores criativos, valendo-se das teorias sobre criatividade, visto como descreve Oliveira (2010), a necessidade de o professor despir-se de crenças, ideias velhas, de valores antiquados. Renovando-se e reinventando-se, constantemente, ou seja, sendo criativos. Professores criativos seriam aqueles profissionais que geram muitas ideias, as analisam e as adaptam ao gosto e interesses dos educandos, sendo assim, destes profissionais é requisitado competências, entre elas a inteligência e a imaginação para que a criatividade possa fluir.

Enquanto isso um aluno criativo busca ter movimento próprio na aprendizagem ao abdicar em transformar o seu processo de aprendizagem em um processo de identificação com a figura do professor. Ele coloca a sua marca, ao incluir o seu estilo e a sua diferença. Ele não aceita aprender através

da repetição e se sente desafiado na sua capacidade criativa a ir além do que o professor transmite. Ele não se resigna em apenas copiar do quadro sendo que logo coloca seus pensamentos e opiniões.

A motivação, pensada desta forma, pode ser considerada um fator de suma importância para o êxito escolar, motivar os alunos seria uma das tarefas constantes de quem lhe está ensinando, sendo força propulsora do processo ensino aprendizagem.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A nova realidade da sociedade do conhecimento tem desafiado o professor a repensar a prática pedagógica e se tornar um investigador, articulador, mediador e pesquisador crítico e reflexivo. Nesse contexto, além de um profissional competente, precisa tornar-se um cidadão autônomo e criativo que saiba solucionar problemas e manter constante iniciativa para questionar e transformar a sociedade (BEHRENS, 2006). Na sociedade do conhecimento, um movimento da ciência começa a tomar força, exigindo uma visão inovadora de pensar e de conceber o universo.

A aprendizagem numa visão complexa exige um paradigma inovador que desafie os professores para uma docência relevante e significativa, que supere processos repetitivos e acríticos e que permita o questionamento e a problematização da realidade circundante. Propõe a convivência com múltiplas dimensões e com diferentes visões, exigindo tolerância com o diferente e comprometimento com a transformação da sociedade. Assim, acredita-se que a metodologia de projetos pode ser um procedimento pertinente para oferecer aos alunos aprendizagens que levem à produção do conhecimento, mas que, especialmente, provoquem aprendizagem para vida.

Este estudo abordou aspectos a serem observados para a prevenção as não aprendizagens sendo que a criatividade e a motivação são fatores que podem garantir o sucesso escolar.

Percebe-se que há necessidade de reformular continuamente o processo ensino-aprendizagem e estabelecer mecanismos de reflexão coletiva sobre a prática existente nas escolas, rompendo com as resistências, pois ainda há professores que culpam seus alunos pelas não aprendizagens.

Todavia, os professores precisam estar motivados, portanto suas necessidades intrínsecas e extrínsecas também precisam ser supridas dentro do processo pedagógico, pois um professor que não está motivado jamais conseguirá motivar seus alunos, cabendo a diferentes instâncias o suprimento destas necessidades que perpassam o resgate de seu papel social, a constante formação, o apoio pedagógico necessário à execução de sua ação, as condições materiais e estruturais.

7 REFERÊNCIAS

ALENCAR, E. M. L. S., **Criatividade e ensino**, Psicol. Cienc. Prof. vol.6, Brasília. 1986.

ALENCAR, E. M. L. S., & FLEITH, D. S. **Criatividade - múltiplas perspectivas**. Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília. 2003.

AMABILE, T. M. **Como não matar a criatividade**. HSM Management, 3, 110-117. 1999.

BEHRENS, M. A. **Paradigma da complexidade: metodologia de projetos, contratos didáticos e portfólios**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

CASTELLS, M. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. Fim de Milênio. V. III, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. P.43

DALACORTE, M. C. F. **A participação dos aprendizes na interação em sala de aula**. In: MELLO, H. A. B. de; DALACORTE, M C. F. (Org.). A sala de aula de língua estrangeira. Goiânia, Editora UFG, 2000. P. 39-62.

FRANÇA, A. C. L. **Comportamento Organizacional: Conceitos e Práticas**. São Paulo: Saraiva, 2006.

FREIRE, P., & SHOR, I, **Medo e ousadia - o cotidiano do professor**. São Paulo, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 15. Ed. São Paulo, SP: Editora Paz e Terra, 2000.

GONZÁLEZ, R. F. **La categoria de sentido subjetivo y su significacion en la construcción del pensamiento psicológico**. P.13-28. 2001.

HERNÁNDEZ, F. **Transgressão e Mudança na Educação**. POA: Artmed. 1998.

HECKHAUSEN, J. & HECKHAUSEN H. **Motivation and action**. Cambridge University Press. 2008.

MASLOW, A. **Transpersonal Psychology, and self-Transcendence**, 1969.

MOREIRA, W. **Tecnologia em Administração de Pequenas e Médias Empresas**: Módulo I. Paraná: UNOPAR, 2005

NOVO DICIONÁRIO DIDÁTICO BRASILEIRO, 2015 (p.403). Editora Didática Paulista.

OLIVEIRA, D. A. **Profissão docente e gestão democrática da educação**. Revista Extraclasse, V. 1. P. 210-217, 2009.

OLIVEIRA, Z.M.F. **Fatores influentes no desenvolvimento do potencial criativo**, Universidade Católica de Brasília. Vol.27 no. 1 Campinas (2010).

REY, G. F. L. **Sujeito e Subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Thomson Learning, 2003.

ROBBINS, S. P. **Comportamento Organizacional**. 11ª Ed. São Paulo. Pearson Prentice Hall. 2009.

SMITH M., WARD T. B. & FINKE R. A. (Eds.) **An Investment Approach To creativity**: Theory and data. In S. The creative cognition approach (pp. 269–302).Cambridge, MA: MIT Press. 1995.

STEIN M. I. **Stimulating creativity**. Group procedures. New York, Academic Press, v.2. 1974.

STERNBERG, R., & LUBART, T. **An Investment Theory of Creativity an Its Development**.Yale University, New Haven, Con., USA. 1991.